

O nascimento do Teatro Lambe-Lambe no Brasil

Denise di Santos

Teatro Lambe-Lambe / ABTB Centro Unima Brasil (Bahia, Brasil)



Figura 1 –Denise di Santos na 2ª Bienal de Teatro Lambe-Lambe / Paranaguá (PR). Fonte: <https://www.bemparana.com.br/cultura/segunda-bienal-de-teatro-lambe-lambe-leva-arte-e-encantamento-as-pracas-de-paranagua/>

Acesso em: 13/05/2024.

DOI: <https://doi.org/10.5965/2595034702302024025>

O nascimento do Teatro Lambe-Lambe no Brasil¹

Denise di Santos²

Resumo: Denise di Santos reflete sobre sua trajetória no Teatro Lambe-Lambe, destacando influências familiares e educacionais, especialmente da ABTB e de sua mãe. Ela explora a evolução da forma teatral, abordando temas como nascimento e sexualidade. O texto ressalta a criatividade como resposta às necessidades emocionais e culturais, enfatizando a adaptação do teatro para homenagear diferentes culturas. Denise também sublinha a importância da resiliência e generosidade no meio artístico, enfatizando a transformação educativa e cultural proporcionada pelo Teatro Lambe-Lambe.

Palavras-chave: Teatro Lambe-Lambe; Nascimento; Adaptação cultural; Generosidade; Sexualidade.

The birth of the Lambe-Lambe Theater in Brazil

Abstract: Denise Di Santos reflects on her journey in Lambe-Lambe Theater, highlighting family and educational influences, especially from ABTB and her mother. She explores the evolution of theatrical form, addressing themes such as birth and sexuality. The text underscores creativity as a response to emotional and cultural needs, emphasizing the adaptation of theater to honor different cultures. Denise also emphasizes the importance of resilience and generosity in the artistic community, highlighting the educational and cultural transformation facilitated by Lambe-Lambe Theater.

Keywords: Lambe-Lambe Theater; Birth; Cultural adaptation; Generosity; Sexuality.

¹ Data de submissão do artigo: 24/10/2024 | Data de aprovação do artigo: 24/10/2024. Este artigo foi revisado por Denise di Santos e transcrito e revisado por Camilly Fortes, bolsista do Programa de Extensão Formação Profissional no Teatro Catarinense, com base na participação de Denise di Santos no 4o. Seminário Internacional de Teatro de Animação de Joinville, dia 13/08/2023 - Mesa 3: Dramaturgia(s) de Síntese no Teatro Lambe-Lambe. Disponível online em: <https://www.youtube.com/live/CKphzhzOqjs>.

² Pedagoga, autodidata e militante pela liberdade de criar, Denise Batista dos Santos, conhecida como Denise Di Santos nasceu em Tom Zé de Irará. Aos 9 anos foi morar na capital, ajudava sua família a ganhar a vida em Salvador e como boa parte dos jovens entrou para o grupo de teatro da igreja, onde conheceu seu primeiro diretor, Tiago Lima, o que possibilitou vários trabalhos que a ajudaram a crescer profissionalmente. Já adulta, após casar-se foi morar em Brasília, mas nunca deixou de fazer Teatro de Bonecos, divulgando esta forma de arte por onde passou. Em 1975 voltou para Bahia e começou a trabalhar com educação e teatro de boneco, sendo chamada para fazer um grande projeto no Pelourinho por volta de 1982, “Os doces da Rainha”. Junto a Elias Bonfim, Evandro Nere, Ismine Lima, Gil Teixeira, Noli Silva e Piter Leão, fundou a Associação de Teatro de Bonecos em setembro de 1985. Quatro anos depois nasce o Teatro Lambe-Lambe. E-mail: vitrinelambelambe@gmail.com.

Bom dia a todos, todas e todes

Cada momento que estou diante dessa família que faz o Teatro de Lambe-Lambe eu me emociono e vejo Ismine! Eu não posso falar de mim mesma, ou do Lambe-Lambe, sem lembrar de Ismine Lima.³ O meu primeiro curso foi com o professor e bonequeiro Álvaro Apocalypse⁴ e a minha grande universidade foi a ABTB (Associação Brasileira de Teatro de Bonecos), a qual ampliou a minha régua e o meu compasso bonequeiro, visto que os meus primeiros traços artísticos eu adquiri com a minha mãe. Eu venho dessa raiz, pois minha família foi de brincantes (negros escravizados), só que a brincadeira era com boneca de pano, com boneções. Na minha terra, onde eu nasci, falava-se em “bonecos de fantoches e máscaras”. Eu venho a conhecer o teatro de bonecos realmente, na sua magnitude, quando eu entro para a ABTB, que foi a minha grande escola, minha universidade.

Quando começamos a fazer o teatro de formas animadas, com fantoches, bonecos, seja o que for, a gente vai evoluindo, a gente vai aprendendo e se desconstruindo...e trazendo coisas para o nosso acervo pessoal, para o nosso propósito cultural. De repente eu não posso abandonar tudo, a escolha faz parte do meu presente para complementar meu futuro, não posso esquecer que eu fui filha de uma mãe solteira (hoje se chama solo), eu sou fruto de uma mulher guerreira e de uma ancestralidade das mulheres negras que amarravam seu cabelo e faziam suas tranças, colocando as sementes dentro da trança para poder plantar no quintal. Mulheres que pegavam a maniva, que a gente chamava de manaiba⁵ para fazer um boneco para seus filhos brincarem; que pegavam o Sabugo do milho para fazer bonecos para os seus filhos brincarem... limpavam a manga até ficar aquele cabelinho depois que a manga foi toda chupada, para colocar olho para os seus filhos brincarem... pegavam mamão ou coco ou até mesmo a melancia, tirando todo seu conteúdo, abrindo e colocando uma madeirinha para fazer máscaras para seus filhos

³ Atriz-animadora e, junto de Denise di Santos, pioneira do Teatro Lambe-Lambe.

⁴ Artista plástico e professor da UFMG. Um dos criadores do Grupo Giramundo.

⁵ Tronco da mandioca, que além de ser leve é macia e de fácil manejo com a faca para a confecção do boneco ou qualquer outro brinquedo.

brincarem. Eu venho dessa história, venho dessa família, venho caminhando até a gente chegar no Teatro Lambe-Lambe. Então, é uma caminhada. E a gente só faz o caminho caminhando.

Acho que vocês todos já conhecem a história do Lambe-Lambe, mais ou menos, então não vou me alongar. O Lambe-Lambe foi criado para atender às nossas necessidades, mas tudo na vida, quando a gente cria, é para atender nossas necessidades, físicas ou emocionais. As nossas necessidades é o que faz que nós criemos e eu costumo dizer que a criatividade é filha única da necessidade. Quando a gente criou essa casa cênica, que é o teatro, tínhamos um propósito, que era desconstruir uma mentira, desfazer uma cultura machista, desconstruir a mentira da cegonha, de que ela traz o bebê da mulher no bico. É a mulher que dá a luz e o parir vem de uma relação sexual, que é a coisa mais linda do mundo, pois ali é onde Deus está, na hora onde você sente o prazer. Naquele momento é uma adesão de dois corpos que se amam e se querem, e daí vem o seu filho, ou não vem. E a gente queria mostrar isso aqui (dentro do Teatro Lambe-Lambe), mostrar o nascimento. Então eu falo sobre a decisão do nascer, do vir-a-ser, que é a busca da felicidade, a proposta de vida de cada um. Nós temos o propósito do vir-a-ser, do estar sempre feliz, e para eu estar feliz eu tenho o agora, o plantar agora: eu planto agora para comer daqui a pouco.

Quando a gente criou o Lambe-Lambe, sabíamos o que estávamos querendo: queríamos guardar um segredo que só deveria ser segredo para quem a gente quisesse e assim é o Teatro de Lambe-Lambe. Quando ele foi aberto (transmitido online), como fizemos na pandemia, foi uma dor, mas eu sabia que aquele momento iria passar, e ela (Ismine Lima) estava viva, mas não estava mais falando. Então ela escrevia “calma”, pois queria me acalmar, e tinha vezes que me enlouquecia porque ela queria as coisas e eu não estava entendendo, pois ela era muito inteligente. Mas aí ela explicava e ficava tudo bem. Mas, no momento da pandemia, eu sofri. Foi muito sofrido. (...)

E a gente traz o Lambe-Lambe aqui para guardar o segredo do parto, do nascimento. Tem muitas coisas na internet que dizem que fazíamos o parto (e “O

Império dos Sentidos”) para as crianças na escola, mas isso não é verdade: nós fazíamos para os pais em reuniões da escola. Eu era coordenadora da instituição e mostrava a boneca para que eles autorizassem. Imaginem vocês...nós estávamos na época da ditadura! (...) Os pais assistiam e as professoras, em sala de aula, conversavam, pois queríamos desmistificar. E eu digo, para se fazer teatro, e venho desta raiz, é preciso que se tenha uma coisa chamada Verdade. Se faz bem para você e se faz bem para o outro e se faz bem para a humanidade, então FAÇA! Se não faz bem para você e não faz bem para o outro e não será capaz de tocar a humanidade... RECOLHA-SE, REVEJA-SE! E tem trabalho e tem espetáculo que não é possível da gente trazer e botar aqui dentro, você pode ressignificar ou fazer de formas diferentes, como é o caso de “O Império dos sentidos” que a gente fez no festival internacional de Nova Friburgo, onde só tinham bonequeiros e adultos. Mas o que a gente queria mostrar? A verdade do ato sexual para adultos. Quem aqui veio de outra forma que não pelo ato sexual? Levante a mão aqui, quem não veio de um afeto sexual, levante a mão por favor... agora, quem veio de um ato sexual? Quem veio de uma forma do amor, quem veio do amor? Todos nós viemos e isso é uma coisa poética, uma coisa divina, isso é de Deus, das Deusas, dos Deuses! Todos os seres vieram através de um ato sexual.



Figura 2 – *A Dança do Parto* (interior da caixa), 2017. Foto: arquivo pessoal. Fonte:

<https://lambendoomundo.wordpress.com/portfolio/a-danca-do-parto-o-primeiro-espetaculo-de-teatro-lambe-lambe/> Acesso em: 13/05/2024.

Então, quando a gente traz o sentido para a casa dentro do espetáculo Lambe-Lambe a gente sabe o que está fazendo, a gente sabe que durante 2 ou 3 minutos vamos dar felicidade para alguém. E quando a gente traz o parto, o nascimento, isso toca alguém. Para uma mulher, de alguma forma triste, às vezes o que basta é o silêncio. E o mestre em teatro de bonecos fala: “Eu sinto muita falta do silêncio, das pausas, da respiração”. A gente busca em todos os nossos projetos trazer essas pausas e tem as pausas da dramaturgia, mas também tem a pausa do ator manipulador, a pausa restaurativa, nós não podemos fazer um espetáculo sem termos essa dignidade da pausa restaurativa, e isso a gente conseguiu colocar dentro do Lambe-Lambe, a gente faz o processo da casa do Lambe-Lambe, que depois falarei mais, mas começamos o projeto pensando no espectador. Quem vai nos assistir, quem vai nos contemplar? Quem vai mergulhar no universo desse segredo compartilhado a três? Por isso, a primeira coisa que pensamos é em receber o espectador com um tapete vermelho: porque o espectador é a majestade e ele entra e vê uma frase nada menos que a de José Saramago: “se puderes olhar veja, se puderes ver, simplesmente repare”. E precisamos, quando repararmos, reparar no que quiser. É um processo solitário, íntimo, como essa intimidade com as imagens.

Você começa olhando a nossa casa (o exterior do Teatro Lambe-Lambe), e repara que ela traz imagens do nosso trabalho. E repare que cada artista faz sua obra pensando na imagem disparadora, que elaborou para construir sua casa de espetáculo.

É um caminhar, a lei a impermanência, a gente começa com a casa desse tamanho, que é semelhante aos tamanhos das caixas dos fotógrafos de Lambe-Lambe, e fazemos espetáculos de 3 a 5 minutos. Mas o que você vai colocar no espetáculo é a verdade, você pode colocar um espetáculo político. Lambe-Lambe tem um DNA na cultura popular, mais x% na cultura de formas animadas eruditas e tem x% nos fotógrafos Lambe-Lambe. Não podemos esquecer desses grandes fotógrafos, pois é o princípio do cinema. O Lambe-Lambe traz um desdobramento dentro de um processo de contemporaneidade até chegar à linguagem das imagens, desse imagético, entender a linguagem através das imagens e da iluminação (...) Quando

criamos o Lambe-Lambe já tínhamos a iluminação aérea, pois quando não se tinha lugar para colocar a tomada, podíamos colocar a caixa embaixo de uma lâmpada e trabalhar a iluminação assim (com a luz natural do espaço). Então, você tem a coxia, todo teatro tem coxia, e para que servem elas? para guardar as entradas e saídas, igual a qualquer outro teatro.



Figura 3 - Denise di Santos e Ismine Lima ao lado de sua caixa, 2017. Foto: arquivo pessoal.

Fonte: <https://lambendoomundo.wordpress.com/portfolio/a-danca-do-parto-o-primeiro-espetaculo-de-teatro-lambe-lambe/> Acesso em: 13/05/2024.

No Teatro de Lambe-Lambe, quando estamos em lugar fechado, a gente usa uma lanterna que funciona perfeitamente e temos todo equipamento de som e fone de ouvido, tanto para o espectador quanto para o animador. Seja como for, é um teatro de possibilidades. Não podemos deixar de falar que, quando vamos nos preparar para fazer o espetáculo, não podemos nos esquecer dos “coringas” (clones dos personagens), eles existem em todo canto, senão como fica quando um bonequinho some dentro deste espaço? Se não tivermos uma boneca parteira coringa, o que fazer se acontecer algum acidente com ela, com o movimento dela?

Temos que respirar, pensar e pedir ajuda, pois o espectador não vai te perdoar se o bebê não estiver ali... as pessoas vão querer ver o espetáculo completo, querem ver a imagem disparadora, e o que significa isso? A imagem disparadora a meu ver se inicia quando pensamos em elaborar uma casa de espetáculo chamada teatro: de que forma eu quero fazer? Ela sai desse formato e pode ir para o formato da casa das Deusas de lá, mas é uma imagem que dispara, que dá concretude para aquele seu projeto. (...) Por exemplo, quero homenagear o Amazonas, vou fazer uma caixa de teatro parecida. Quero homenagear a fazenda do meu avô, vou fazer um teatro parecido. Tenho que adaptar o Teatro Lambe-Lambe, por exemplo, dentro de uma cabaça: uma aluna minha fez dentro de uma cabaça para homenagear o berimbau, uma história de vida, morte e agressão. O que é que a gente pensa quando traz isso? A vida e a morte... eu posso deixar meu boneco morto e quando ele está morto ele está na inércia, mas eu quero que ele viva, então eu faço o quê com ele, se eu não o coloco para respirar? Então, dentro do processo eu respiro junto com ele, temos todo cuidado com as imagens. Aí, quando você vem trabalhar o que quer na cena, já é outra imagem. O que eu quero? Que cena? Que outra dramaturgia? Usamos "causos" de crianças, de idosos, de sereias, que são maravilhosos, então a gente retoma as imagens. Agora, quando a gente coloca no espaço cênico, o que a gente precisa? Os gestos conscientes, a fé cênica - que hoje se fala tanto, dentro de ator e método, temos que acreditar naquela cena. E tem outra coisa que eu acho muito importante: o não-óbvio que o Lambe-Lambe traz, por exemplo, da cama virar um envelope. Olha que mágico!! (...)

Manejo de rua

Uma vez eu estava no pelourinho fazendo um espetáculo para a comunidade e na comunidade havia muitas prostitutas e muitas pessoas de rua, então a menina chegou para mim e disse "eu quero assistir esse negócio aí" e eu disse "tô ensaiando" e ela disse "mas eu quero assistir, eu vou assistir isso aí". Então falei que ela seria a última. Após o espetáculo terminar apareceu outra pessoa da comunidade dela e lá se postou, dizendo para a moça: "aqui você não entra não, sua filha da puta". A moça

falou: “mas eu quero assistir”, e a outra respondeu: “não vai não, saia daqui”, e expulsou a moça de lá. Eu não tive coragem de dizer que ela estava errada, tenho que ter manejo de rua.

Outra coisa é estar com um material desses, caríssimo. Em um momento de perigo você vai colocar seus pertences embaixo de um banco, por exemplo. Tudo isso tem que ser pensado. Ninguém pode ir para a rua (despreparado) sem levar uma cola, ninguém pode fazer Teatro de Lambe-Lambe sem o alicate, sem a tesourinha, ninguém pode ir para rua sem levar seu material de uso do espetáculo - luvas e velcro (que é milagroso) e, por fim, chave de fenda. Trazer esse material é de suma importância e muitas vezes a gente perde ... e quando a gente perde, tem uma coisa que é chamada pelos bonequeiros de solidariedade. “Esqueci uma blusa preta” ... “ah, eu tenho uma que eu não uso, vou te dar”. Existe um processo de solidariedade tão grande que é extremamente importante para gente viver - a generosidade, a gente estava falando esses dias que para fazer o Teatro de Lambe-Lambe precisava da ambição de querer fazer o melhor, do investimento para que você tenha um trabalho que chame a atenção, e da resiliência, porque você fica administrando seus próprios conflitos internos. Vivemos o tempo todo em conflito interno, dá vontade de desistir, de largar tudo, então você pensa que é um compromisso, é um comprometimento, é estar comprometido com o fazer artístico, e você precisa honrar esse compromisso divino, você optou por isso, e muitos são chamados. Então, se um decidir ficar, já está de bom tamanho, pois sabemos que esse um vai lá na frente e vai fazer bem, vai buscar, vai ajudar, construir, desconstruir, porque essa é a vida.

E eu falo sobre a lei da impermanência porque ninguém tem síndrome de Gabriela... “eu nasci assim, eu cresci assim, vou ser sempre assim”. Você nasceu assim, mas pode mudar, vai formar, construir, desconstruir e isso é o processo natural do ser humano. Quando pensamos em fazer uma casa dessas, as pessoas falam que tem que mudar, e eu vou mudando internamente, vivo mudando. Quando me trazem uma caixa de fósforos, o que tem dentro dela? Fósforos! E o que o fósforo faz? Fogo! Então, o que estamos fazendo? Estamos evoluindo, estamos em um processo de eterna construção que para a gente se chama o vir-a-ser, para buscarmos a

felicidade, e, agora, nesse momento, eu estou sendo feliz de estar aqui podendo passar um pouco do meu conhecimento adquirido nesses 40/50 anos dentro do meu processo na ABTB e com as coisas aprendidas com minha mãe. Então, que legado queremos deixar? É sobre isso! (...)

Tenho uma casinha perto do meu filho, ele mora em cima e eu embaixo, na praia, mas também tenho um ateliê pequeno no centro, em Salvador Nazaré, e meu filho diz: “você precisa vir para sua casa, onde temos nossas coisas... é que não sou caramujo, pois quem carrega a casa nas costas é caramujo”. E ele tem razão, podemos levar nossas casas de espetáculo para onde quer que estejamos, pois nos pertence, pois é possível. A casa de espetáculo é ambulante, e aí você vai dizer que “eu sou um caramujo”!

Tem um menino chamado Marcelo Tcheli que fazia o teatro dele no Brick da Redenção, em Porto Alegre, e ele viveu anos disso. Tem muita gente que sobrevive do Teatro de Lambe-Lambe. Sempre sugiro que não façam o Teatro de Lambe-Lambe sozinho, sempre em dois, um assistente de palco e um ator animador, pois você precisa organizar a cena, enquanto o outro pode auxiliar, contar a história da peça, preparar as pessoas para o espetáculo que vai ter. Quando estamos na rua corremos muito risco, inclusive das pessoas pegarem nosso material, então é importante estar com um assistente ali cuidando de tudo. Minha neta Liz tem feito minha assistência.

Bem, eu acho que uma mente limpa é o que nós podemos e temos a obrigação de continuar trabalhando. (...) O que se produz com e sobre o Teatro Lambe-Lambe é um material que é de todos nós e que podemos estar construindo para que o mundo tenha sentido. Acho que quando as caixeiros propõem a escritura de um livro, quando a gente se propõe a lembrar o que foi escrito e feito e registrar, estamos preparando nosso caminho, esse caminho que é de todos nós. E é muito importante que se tenha isso documentado.

Graças a Deus e obrigada a todos!



Figura 4 - Caixa Lambe-Lambe na Bahia. Foto retirada do banco de imagens da Prefeitura de São Francisco do Sul. Fonte: <https://www.saofranciscodosul.sc.gov.br/banco-imagens?noticia=11508>
Acesso em: 13/05/2024.

Referências

Secretaria de Cultura do Estado da Bahia. **Cultura em Movimento: Perfil Denise Di Santos**. Disponível em: <http://www.cultura.ba.gov.br/2017/10/14478/Cultura-em-Movimento-Perfil-Denise-Di-Santos.html>. Acesso em: 13/05/2024.

4º SEMINÁRIO DE TEATRO DE ANIMAÇÃO DE JOINVILLE. **Dramaturgia(s) de Síntese no Teatro Lambe-Lambe**. Mesa Redonda realizada em 13/08/23 no durante o 5º ANIMANECO - Festival de Teatro de Bonecos. Link do youtube: <https://www.youtube.com/live/CKphzhzOqjs?feature=shared>.